

Conflito no garimpo; Marabuto é exonerado

AGÊNCIA ESTADO

O presidente em exercício, José Sarney, exonerou ontem Nelson Marabuto da presidência da Funai e indicou para o cargo Airton Carneiro, funcionário do Incra, enquanto garimpeiros de "Maria Bonita", no Sul do Pará, promoviam um "quebra-quebra" — quatro ficaram feridos e quatro foram presos — em Redenção em protesto contra a falta de apoio das autoridades no conflito que mantêm com os caia-

pós. Marabuto colocou ontem seu cargo à disposição, mas, segundo informou o chefe de gabinete do Ministério do Interior, Dousdêith Aquino, Sarney já havia assinado antes a sua exoneração e nomeado Airton Carneiro, funcionário do Incra que estava à disposição do Ministério do Interior para a realização de trabalhos na área fundiária do Ministério.

Marabuto alegou falta de condições para continuar dirigindo o órgão,

diante de interferências do Ministério do Interior em problemas específicos da Funai e falta de recursos para manter seus programas e atendimento às delegacias regionais. Também colocaram seus cargos à disposição os diretores da fundação diretamente nomeados pelo ministro do Interior: o superintendente, Gerson Alves; o diretor do Departamento do Patrimônio Indígena, Aureo Faleiros; o diretor do Departamento de Assistência ao Índio, Heraldo Santos e o diretor do Departa-

mento de Administração, Humberto Lucio Pimentel.

Marabuto anunciou a decisão após uma tumultuada reunião com representantes dos índios caiaipós, que, segundo anunciou o prefeito de Redenção, Arcelide Veroneze, já concordaram em negociar o retorno dos garimpeiros à "Maria Bonita".

Os caiaipós expulsaram os garimpeiros há 15 dias, proibindo o garimpo em "Maria Bonita" e ocupando a área. A maioria dos garimpeiros foi para a

cidade de Redenção, enquanto seus representantes tentavam, em Brasília, conseguir a intervenção do governo federal no caso.

Mas o acordo estava difícil e os garimpeiros, alegando ter grandes prejuízos com suas máquinas paradas no garimpo, resolveram agir: eles atacaram e saquearam o comércio de Redenção na ausência do prefeito, que também fora à Brasília em busca de uma solução para o caso. Segundo informou à tarde o prefeito Veroneze,

os índios pediram um prazo para consultar a tribo sobre o início de negociações com os garimpeiros. Mas Veroneze disse que só pode transmitir essa notícia aos garimpeiros hoje pela manhã, após a chegada do reforço policial que pedira. Os garimpeiros — a maioria dos cinco mil que trabalhavam em "Maria Bonita" foi para Redenção — ainda estão revoltados com os prejuízos sofridos com a paralisação no garimpo e ameaçavam realizar novos protestos hoje.

Outro Dia do Índio sem uma política indigenista

O indigenismo em crise, uma Funai desestruturada e com os cofres vazios, dezenas de índios que perambulam o dia inteiro pelos corredores da Fundação em Brasília na busca de recursos ou mesmo de presentes que já não conseguem, antropólogos e indigenistas preocupados, índios divididos. Assim começou a situação do índio na Nova República. Assim começa, na Nova República, a situação do índio, cuja data comemora-se hoje.

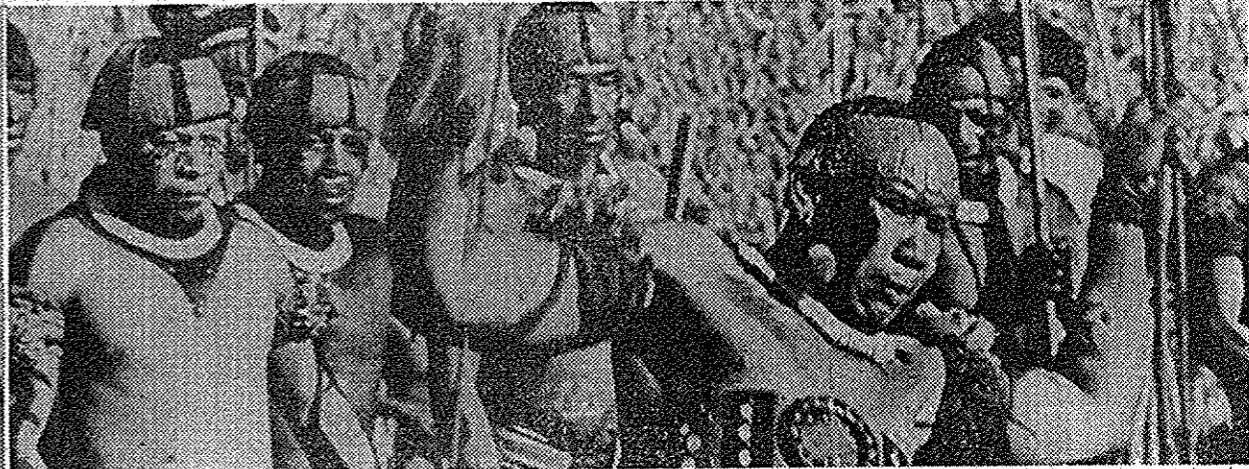
A Semana do Índio será marcada por conflitos, como o dos garimpos do Sul do Pará, onde vivem os caiaipós; ou o do Toldo de Chimbangue, em Santa Catarina, onde os caingangues enfrentam um clima de tensão com posseiros; ou dezenas de outras áreas cujos problemas não foram solucionados pelas últimas administrações da Funai. Preocupados com a situação, antropólogos ligados à ABA — Associação Brasileira de Antropologia — querem propor ao ministro do Interior a formação de uma comissão representativa, que durante dois meses discutiria a reestruturação da Fundação traçando os rumos da nova política indigenista. Mas, por enquanto, na Nova República, a questão do índio não chegou a ser considerada como problema importante pelo governo.

A responsabilidade pelos casos mais graves, como a resistência dos Caiaibis à construção da hidrelétrica

do rio do Peixe, em Mato Grosso, e outros que indicam conflitos iminentes, tem sido transferida pelo ministro do Interior para o âmbito do Ministério da Justiça. Costa Couto está inteiramente absorvido pelas negociações para a nomeação do seu segundo escalão, com os problemas do governo do Distrito Federal que assumiu interinamente e com as enchentes no Nordeste.

Já foi levantada a idéia de se desmembrar a Funai: os assuntos culturais iriam para o Ministério da Cultura e os fundiários para o Ministério correspondente. Antropólogos ligados à ABA chegaram a propor a vinculação da Fundação à Presidência da República.

Em comemoração ao Dia do Índio, a Funai vai inaugurar, em Brasília, a VI Moitará — uma feira de artesanato indígena que atrai colecionadores até do Exterior. Embora muitas pessoas defendam mudanças no Moitará — nome dado pelos índios do Alto Xingu para as feiras de troca que promovem reunindo as tribos da região —, a Nova República mantém sua forma de funcionamento. A Nova República mantém a sua forma de funcionamento: em geral as melhores peças são reservadas, dias antes de começar a feira, pelos experts. No ano passado, um colecionador europeu dizia que, com a revenda das peças — principalmente arte plumária —, pagaria a sua viagem ao Brasil e ainda teria um bom lucro.



No Dia do Índio, em vez de festa, conflitos, esperança e tristeza

Polêmica sobre o Parque Ianomani

BOA VISTA AGÊNCIA ESTADO

Quando chegar a Roraima, no final deste mês ou no começo de maio, a Comissão do Índio formada por parlamentares vai envolver-se numa disputa entre pessoas que não são indígenas. Os próprios ianomani, que habitam a Serra das Cobras Surucucus, na fronteira com a Venezuela, nada dirão. Por eles, falarão os missionários, antropólogos e indigenistas da Funai, que vêm brigando há vários anos para que seja criado o Parque Ianomani, uma área de quase 9,5 milhões de hectares, que abrange boa parte de Roraima e um pedaço do Amazonas.

Em Roraima há muito interesse na questão, pois os políticos e os empresários defendem a tese de que só com a liberação da área ianomani para a mineração será possível ativar a economia quase inexistente da região. Todos vêm na cassiterita e no ouro de Surucucus a redenção do Território. Entretanto, com isso não concordam os defensores da causa indígena. Para eles, a entrada de garimpeiros na área vai dizimar aquela que consideram a mais importante nação indígena ainda sem um contato mais intenso com a civilização. Esta diferença de opiniões existe também entre os parlamentares envolvidos no assunto.

Enquanto essa polêmica continua, prepara-se em Roraima um encontro de trabalhadores que tem como tema principal o plano de uma nova invasão da região de Surucucus, nos mesmos moldes da que foi feita no Carnaval. Inicialmente marcado para as vésperas da Semana Santa, o encontro acabou sendo adiado sem maiores explicações. Pessoas ligadas a José Altino Machado, líder da invasão, informaram em Boa Vista que o encontro será no começo de maio. E essa notícia voltou a preocupar seriamente os defensores da causa ianomani. Para eles, muita coisa poderá ocorrer, até mesmo outras mortes de índios da região.

2º Clichê

Ocupação na Funai. É um protesto

Índios de diversas tribos vão ocupar a sede da Funai hoje de manhã em Brasília, com o objetivo de impedir que o novo presidente do órgão, Airton Carneiro tome posse no lugar de Nelson Marabuto. Os índios decidiram ocupar a Funai, no início da madrugada de hoje, depois de esperarem sem sucesso que o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, chegasse à sua residência.

O cacique Megaron da tribo Txucarramãe e diretor do Parque Nacional do Xingu, liderou o grupo de quase 50 índios, e disse que "achava bom Airton Carneiro não aparecer na Funai hoje". Megaron classificou a nomeação do novo presidente da Funai, assinada ontem pelo presidente em exercício José Sarney, "o pior presente que o governo poderia dar

aos índios, em seu dia, que é comemorado hoje.

Durante a ocupação da Funai hoje, os índios exigirão que o ministro do Interior revogue a escolha de Carneiro — seu assessor para assuntos fundiários, e também funcionário do Incra. "O Incra é um órgão que nunca deu apoio para nós. E um absurdo escolher alguém de lá para a Funai" — afirmou Megaron.

Minérios dificultam a demarcação

Depois de vários conflitos envolvendo índios na Amazônia, a situação indígena na região é considerada calma pelo delegado da Funai em Manaus, Sebastião Amâncio da Costa. Para manter a calma, a Fundação vem dinamizando os meios de fornecer recursos econômico-financeiros para atender às necessidades das tribos, segundo garantiu o delegado. Mas a principal reivindicação dos 200 mil índios da Amazônia ainda

não foi atendida: a demarcação de suas terras. E quase todos os grupos indígenas ocupam extensas áreas com grande potencial de minérios.

O delegado regional da Funai não acredita que ocorram novas invasões de áreas indígenas por empresas de garimpo. Para ele, embora as áreas indígenas sejam extensas, elas devem permanecer como estão, enquanto se aguarda a definição do governo a respeito.

No caso dos 20 mil ianomani que vivem na fronteira com a Venezuela, Sebastião Amâncio sustentou que, se suas terras forem invadidas por exploradores de minérios, em cinco anos 80% da população indígena será extinta.

Na questão uaimiri-atroari, que se tornou polêmica com a delimitação da sua área em 1.850.000 hectares (rica em minérios), o delegado defendeu esse tamanho.